

CDU 396.1

EM TORNO DO ASSUNTO MULHER E TRÓPICO

Gilka Buriel Weber

Considero a comemoração do Dia Nacional da Mulher bastante singular, pois, em geral, só costumamos festejar datas consagradas pela tradição cristã, sem nenhuma contrição (diga-se de passagem), ou datas que interessam ao comércio, desvirtuadas de significado por criarem uma mentalidade de tradução de bem-querer através de presentes materiais, ou datas ainda não realizadas — apenas perseguidas — que tentam destacar algo ou alguém, ficando apenas como uma nota de agenda.

A comemoração muitas vezes nada mais é que a procura, a busca de uma realização. Hoje, talvez seja por isso que estejamos aqui reunidos.

Curiosamente não há o Dia Nacional do Homem. Parece que todos os dias do ano lhe pertencem por direito. Talvez, aqui, na FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, tenhamos uma situação especial, diferente. Há, praticamente o mesmo número de mulheres e de homens no seu quadro de pessoal. Eu, particularmente, exerço uma função normalmente considerada como atividade masculina. Certamente, pioneirismo de Fernando de Mello Freyre, ao nomear pela primeira vez uma mulher para a Chefia de Gabinete.

Hoje, pois, estaremos juntos numa procura ou à cata de saídas às indagações sobre e da mulher — sobre o que ela é, o que pensa, pelo que luta, como se define, suas conquistas, frustrações, anseios.

Aqui, agora, naturalmente não despontarão soluções, respostas. Não! Teremos, antes, mais perguntas. Talvez porque, como dizia Gertrud Stein, o importante não é a resposta, mas a pergunta. Vamos, pois, juntos, a elas.

Tentarei uma abordagem da mulher sem uma delimitação precisa. Dentro das minhas limitações, penso discorrer sobre ela, sob ângulos e aspectos os mais diversos e variados. O mundo que a rodeia, a sua participação política, uma visão poética, e ela face às transformações sociais — a mãe, a profissional, a mulher solteira, a mulher do lar. A mulher.

A mulher em si mesma, sem títulos maiores ou colocações que não este — o de ser pessoa —, quaisquer que sejam seus dons e defeitos, atributos, qualidades. Um ser complexo, misterioso, e que é e tem sido a mola-mestra desse existir milenar. Musa, pivô, causa, efeito. Uma entidade especial coberta por esse véu de mistério que, ao invés de estreitar o horizonte, dilata-o, encantando os homens — seus parceiros, amigos, complemento e complementação; jamais rivais. Mulher que tem sido louvada em verso e prosa desde os poetas populares até os grandes bardos da literatura. Desde Eva no Paraíso, até uma Marie Curie, uma Marguerite Yourcenar, uma Nísia Floresta, uma Golda Meir, uma Amy Lowel, uma Cecília Meireles, uma Greta Garbo, uma Ana Pavlova, uma Maria Stuart, uma Tarsila Amaral, uma Sarah Bernard, uma Ana Nery — todas elas despontando nos campos mais vastos da atividade humana.

Mulher que é presença cada vez mais marcante no mundo contemporâneo, impondo-se aos seus pares — os machos —, exercendo tarefas as mais variadas.

Não vejo este fato — o de impor-se — como o maior desafio que enfrenta a mulher, porque esse desafio já é antigo e ela vem conseguindo, através de lutas permanentes, vitórias sobre vitórias.

Basta lermos os jornais para encontrá-la à frente de Ministérios, desempenhando altos cargos, dirigindo nações. É impossível, no entanto, negar que preconceitos subsistem. As críticas são numerosas e, nos comentários mais despretensiosos, transparece ainda o velho machismo. Num acidente de automóvel, por exemplo, um comentário certo: “tinha que ser mulher!” E o antigo ditado: “na minha casa, mulher só diz três coisas: “xô! galinha; cala a boca menino; ai! ai! ai! — não me dê mais não”. Parece algo folclórico e pitoresco. E o é. Mas é lamentável, também.

Na sua atividade fora do lar, a mulher ainda não conseguiu equacionar o seu problema maior que é o de conciliar a vida de profissional com a vida de mu-

lher, mãe, dona-de-casa. Ela ainda não se amoldou efetivamente a essa nova realidade. Esse, creio eu, o grande conflito. Há em cada uma de nós uma pessoa dividida. De um lado, a profissional que busca realizar-se, atingir objetivos maiores, crescer. Sabemos que isto exige preparação, estudo, horas fora de casa, transtornos nos horários da família. Conhecemos também as conseqüências que tais atitudes geram. Crianças sem a presença das mães, babás sobrecarregadas, bebês em berçários. Lamentavelmente, nem mesmo temos uma estrutura básica de apoio a essa atividade. Faltam creches e instituições do tipo. Quando existem, quase todas são particulares, beneficiando apenas e tão-somente as mulheres de classe mais favorecida, que têm condições de enfrentar despesas desse porte.

E, se por um lado, é ainda cedo para se falar nas conseqüências de uma tal atividade, sabemos também, por depoimentos, que, desde já, crianças inseguras e carentes revelam problemas nas escolas, desajustes e dificuldades no aprendizado.

Realizando-se profissionalmente, a mulher sabe também que deixa seus filhos sem assistência. No lar, sozinhos, envolvem-se com amigos nem sempre desejáveis ou se deixam subjugar pela carcereira dos lares modernos — a televisão! Quando, reunida à frente desse “bezerro de ouro” dos tempos atuais, a família não conversa, não dialoga, não se une; manietada pelo toque de recreio — o dos comerciais — os seus componentes trocam poucas palavras e, mais que depressa, diante do fascínio do vídeo, calam-se. Acabaram-se os serões de família, as longas conversas, as visitas! Não sou saudosista nem deslocada da realidade. Sei dos benefícios da televisão. Mas, sozinha, a criança fixa-se em super-heróis falsos, ídolos sem mensagens, com os quais identifica-se, buscando, de uma forma inconsciente, a figura da mãe ausente.

Lutando por sua independência e por mais direitos, por “igualdade”, comete-se a injustiça de usar outra mulher: a empregada doméstica. Esta mulher tem sido a vítima maior da ascensão da própria mulher. Uma exploração aberta. Uma contradição: de um lado, a mulher luta por seus direitos; do outro, esquece seus deveres. Um conflito difícil. Lutando pelo reconhecimento do seu eu, do seu valor, por melhores condições, melhor salário, esquece que age de maneira oposta, em casa. Uma herança cultural? Vítimas, ambas, de um condicionamento, de uma estrutura social falha?

Realmente, a mulher tinha sido preparada para ser a sinhozinha do lar à espera de um marido. Tivesse sido ela melhor orientada, saberia que, com o casamento, adviriam também as responsabilidades de cuidar do lar, dos filhos. Que as tarefas custosas, cansativas, anônimas, fariam parte do seu dia-a-dia. Que ela precisaria ser a amiga, a companheira, a amante, a mãe, enfim, desempenhar uma tarefa hercúlea para a sua apregoadada fragilidade.

Mas ela não foi realmente condicionada para tanto. Frágil, tem que ser a mais forte. Cansada, é chamada a apoiar, a abrigar, a amenizar o cansaço dos outros. Confusa, dicotomizada, busca uma saída. Depara-se com o paradoxo: quer competir, quer ganhar. Mas não dispensa o tratamento diferenciado, cortês, galante. Magoa-se com o contrário.

Dela exige-se muito, é verdade. Que esteja bem cuidada, que traga a casa em ordem, que auxilie os filhos nas tarefas escolares, freqüente as reuniões sociais, que esteja disponível e sorridente. Que tenha competência, que perdoe, que conheça o valor da ORTN, que se interesse pelos rumos da economia. Mas que seja mulher, que permaneça jovem, que não envelheça.

Sobre ela, sobre seus ombros, os cânones da beleza pesam. O poeta Vinícius de Moraes, que amou tantas mulheres e que soube exaltá-las como ninguém, mostrou-se implacável em relação à beleza feminina, em sua antológica "Receita de Mulher":

"As muito feias que me perdoem
mas beleza é fundamental (. . .)
(. . .) que tenha um rosto que lembre um templo e seja leve como um
resto de nuvem.
Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo.
Olhos, então, nem se fala (. . .)
(. . .) que uns ossos despontem, (. . .) sobretudo as pontas pélvicas, (. . .)
sem esquecer (. . .) os problemas das saboneteiras: uma mulher sem sabo-
neteiras é como um rio sem pontes (. . .)
(. . .) que a mulher seja, em princípio, alta ou, caso baixa, tenha a atitude
mental dos altos píncaros".

(. . .)

As mulheres parecem estar em eterna disputa. Pode ser jocoso, mas é comum ouvir-se: "mulheres se beijam porque não se podem morder". Entre si, medem-se, comparam-se, criticam-se. Não são unidas, realmente.

E por que será que, apesar de tudo, e de tanto, continuam sendo o centro do universo?

Desde o "faça-se" de Maria, do eterno "sim", parece vir este grande mistério. Do desejo de Eva, a grande dúvida, o conflito. A vontade de ser igual a Deus naqueles tempos, como agora anseia por ser igual ao homem. São questões, assim, sem respostas. Serão "spots" brilhando sobre algumas poucas o que en-

canta as que estão à sombra? Serão as que *acontecem* as que movem o mundo?

Esses questionamentos permanecem em aberto. Significativa parece ser, porém, uma tomada de consciência sobre eles.

Pensemos nas mulheres das outras gerações, também. Das que se doaram integralmente e que hoje se angustiam, deprimem-se, considerando vazias suas vidas. Afinal, as crianças que as mantinham ocupadas, hoje são independentes e adultas. E que ficou para elas? Com o soprar brusco desses novos ventos, trazendo novas eras, valores são alterados sem que de concreto nada seja colocado no lugar. O que antes era despudor, imoralidade, pecado, hoje é liberdade, modernismo, igualdade, liberação. Os filhos questionam a "inutilidade" de suas vidas sem pensarem na doação de toda uma existência. Coincidentemente, chega-lhes a menopausa, redobram-se-lhes os anseios, os mal-estares, as depressões. Com frequência, aparece contra ela outra mulher. Mais jovem, mais disponível. E a sociedade aceitará esta "situação" como normal. Ao homem tudo é permitido, consentido. Invertamos a situação, e veremos que o ridículo cairia ou cairá sobre ela. Uma vida inteira é desperdiçada por uma paixão porque, como dizia Nabuco, "em amor", os credores mais antigos são os que têm menos direito ao pagamento". E, o único pagamento para o amor, é o amor. Não a acomodação.

Algumas tentam inutilmente um diploma, um título de bacharel. Mas, que mercado de trabalho aguarda essas novas mulheres? Como vencer a crítica dos jovens que as acusam de ocupar o lugar que, segundo eles, lhes pertence? Onde colocar essas anônimas arquitetas do mundo? As donas da sabedoria, das receitas gostosas, dos dengues para os netos, dos bordados perfeitos, da ajuda silenciosa. Por que negar esse existir diversificado? Por que isolá-las num "gueto"? Será que lá no íntimo não tememos suas sombras? Para essas mulheres, a minha homenagem!

Não estaremos agindo como cleptomaníacos, roubando-lhes a cena, por nos faltar esse bem-querer que elas têm para dar? Afinal, como tão lucidamente falou o poeta Evtuchenko: "Não há nada no mundo de mais precioso que a inimitável, magnífica e comovedora ternura feminina".

Acredito mesmo que aquilo de que o mundo mais se ressentido é da ausência de amor, de simplicidade. Precisamos menos siglas, menos formalismos, menos palavras rebuscadas e mais autenticidade, calor humano. Compromisso com o mundo e com a vida. E nisso tudo a mulher, a mulher que faz feira, que costura, que cozinha, é tão igual àquela que opera, que dirige empresas, destinos, que trabalha com computador, que brilha nos palcos, que dança sobre a vida.

Não pretendo falar sobre a mulher de modo conceitual. Não me permiti-
rei considerar a mulher como entidade abstrata. Meu propósito é, antes, o de re-
ferir-me à mulher como o poeta Manuel Bandeira evocou sua irmã, em versos
imorredouros: "um anjo moreno, violento e bom — brasileiro".

Meu ponto de referência é exatamente a mulher brasileira, isto é, a mu-
lher existencialmente situada em espaço tropical e semitropical.

Com esta diretriz, é imperioso citar o fundador desta Casa de Pesquisas
Sociais, o que faço, aliás — facultem-me esta nota pessoal — com a alegria de
quem se inclui entre os grandes admiradores de Gilberto Freyre. São dele, com
efeito, as páginas mais vigorosas — vigor literário a serviço da história social —
escritas sobre a mulher brasileira, como esta que me permito reproduzir, de
Casa-Grande & Senzala:

"A mulher gentia temos de considerá-la não só a base física da família
brasileira, aquela em que se apoiou, robustecendo-se e multiplicando-se, a
energia de reduzido número de povoadores europeus, mas valioso elemen-
to de cultura, pelo menos material, na formação brasileira (como adiante
veremos), de uma série de alimentos ainda hoje em uso, de drogas e remé-
dios caseiros, de tradições ligadas ao desenvolvimento da criança, de um
conjunto de utensílios de cozinha, de processos de higiene tropical —
inclusive o banho freqüente ou pelo menos diário, que tanto deve ter
escandalizado o europeu porcalhão do século XVI. Ela nos deu a rede
em que se embalaria o sono ou a volúpia do brasileiro; o óleo de coco
para o cabelo das mulheres; um grupo de animais domésticos amansados
pelas suas mãos.

Da cunhã é que nos veio o melhor da cultura indígena. O asseio pessoal.
A higiene do corpo. O milho. O caju. O mingau. O brasileiro de hoje,
amante do banho e sempre de pente e espelhinho no bolso, o cabelo,
brilhante de loção ou de óleo de coco, reflete a influência de tão remo-
tas avós".

Em *Sobrados e Mucambos*, obra publicada em 1936, há um capítulo in-
teiro sobre "A Mulher e o Homem": capítulo que ilumina, esclarece, elucida os
problemas de hoje, nos quais se projetam os do passado e se anunciam as solu-
ções prospectivas, de acordo com o conceito de "tempo trípico" gilbertiano.

Não me furtarei ao prazer de mais uma citação, mesmo porque nela se
evidencia o que acabo de afirmar sobre as projeções do passado no presente:

“À exploração da mulher pelo homem — escreve Gilberto Freyre —, característica de outros tipos de sociedade ou de organização social, mais notadamente do tipo patriarcal-agrário — tal como o que dominou longo tempo no Brasil — convém a extrema especialização ou diferenciação dos sexos. Por essa diferenciação exagerada, se justifica o chamado padrão duplo de moralidade, dando ao homem todas as liberdades de gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda a santa noite em que ele estiver disposto a procriar. Gozo acompanhado da obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter filho, criar menino”.

Dessa dupla moral de que trata Gilberto Freyre, continuam existindo a máscara e a face de muitas famílias. Ontem, às escondidas; hoje, em nome do que é moderno, liberado, temos a degradação violenta da mulher, servindo ela mesma de meio a esta degradação. Não critico aqui o erotismo, pois a condição básica do erotismo afasta categoricamente o obsceno e o perigo da obscenidade. Talvez subjugada, como tão bem disse Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos*, ao “gozo acompanhado da obrigação de conceber”, buscou a mulher de modo desordenado o prazer. Não o prazer tão lindamente descrito por Bandeira, quando fala de “espasmo como um êxtase religioso” de Santa Tereza D’Ávila. Mas o prazer pelo prazer. Vendendo seu corpo através da publicidade que domina nossa sociedade consumista, aí sim, a mulher reafirma a sua condição de inferioridade, de escrava, impondo a si e a outros, modos, modismos, necessidades inexistentes, fictícias.

É preciso considerar que há uma diferença acentuada entre ser livre e ser licenciosa. Este é um problema de dignidade do espírito humano que não pode ser esquecido.

Não aceitar a degradação dos costumes como consequência natural da vida moderna, como algo inevitável nos dias de hoje, é também tarefa da mulher.

Somos membros de um corpo social. Somos todos co-responsáveis. É preciso muitas vezes haver uma oposição ao comum e a tomada de uma atitude firme, mesmo que isolada.

A luta da mulher para ser considerada como igual ao homem vem de longe.

Mais uma vez preciso dizer que esta Casa é uma casa de vanguarda. Seu patrono — Joaquim Nabuco — defendia o trabalho da mulher fora do lar, como concorrente do homem.

Muitas vezes, no Brasil, a mulher tem sido considerada como trabalhadora, porém não como profissional, por não estar preparada, mais das vezes, para

desempenhar atividades especializadas.

Em relação ao trabalho, o sexo era, quase sempre, um critério que determinava a aceitação do indivíduo no mercado de trabalho. Com a espiral acentuada do custo de vida, porém, além dos atuais salários em desequilíbrio com o poder aquisitivo, o homem isolado deixou de atender à subsistência da família, obrigando-se a esposa a participar da defesa econômica familiar pelo trabalho externo.

Para Saffioti, são as determinações essenciais do sistema que decidirão se a mulher trabalhará ou não. Ela é um exército de reserva, ou de trabalho, em condição inferior ao homem. Para ela, até as Encíclicas Papais têm encarado a mulher como ser submisso ao homem.

No campo da educação temos poucas informações sobre a mulher, no passado. Sabemos que, no Brasil desde a colonização até 1750, não se ocupando com a educação feminina em seus colégios, que se destinavam a preparar os eleitos — a elite que dirigiria o país — os homens. A Igreja cultivou a educação feminina de tradição portuguesa. Aos homens, destinava a cultura humanística, racionalista. As mulheres, idéias de submissão e preparo para os afazeres do cotidiano e para a atividade artesanal.

Não falarei sobre a evolução da educação, ensino das letras, ideais das moças abastadas, mas preciso registrar o aparecimento das figuras de Zaira Americana e de Nísia Floresta, que no Império surgem como feministas, fundando esta última, em 1838, no Rio, o Colégio Augusto. Com a chegada dos primeiros protestantes ao Brasil, inicia-se o ensino misto nas escolas, a valorização de matérias científicas privilegiando métodos empíricos e propugnando a co-educação dos sexos. Mais um passo é dado, mais um progresso. O relacionamento homem — mulher, macho — fêmea, começa a ser encarado por ângulo novo.

Ainda no passado, enquanto, a transmissão de herança constituía a principal função econômica das famílias de classes proprietárias, é o trabalho doméstico a importante função econômica das famílias trabalhadoras, como produção de força de trabalho. O trabalho assalariado tem sido mostrado como condição para a libertação da mulher, pois sua subordinação ao marido decorre de sua dependência econômica. Assim, vislumbrando uma libertação, a mística do "sexo frágil" é transportada para o trabalho, visando, objetiva ou subjetivamente, fazer a mulher encarar o trabalho sempre na perspectiva da família. O trabalho é algo circunstancial, pois seu dever "essencial" vincula-se à esfera familiar. Ela passa a acumular então a dupla jornada de trabalho: jornada produtiva e domiciliar. Essa duplicidade é algo importante a ser encarado. Responsável pelo fluir da vida doméstica, cansada, realizada, mas desgastada pelos "stresses" normais de

uma jornada de trabalho, diversamente do homem precisa a mulher responder, ainda, pelas tarefas do lar. Para o homem, o trabalho encerra-se ao fim do expediente. Para a mulher ele continuará. . . Mais grave ainda é a situação da mulher-operária, a subempregada, aquela do setor terciário. A de classe média contará ao menos com uma assessoria. Ficarà ainda com a supervisão. Mas a outra, não. O quadro para ela é bem mais dramático.

O início do século XX traz oportunidade para as mulheres de classe média: — ensino, emprego no comércio e nas repartições, enquanto reduz-se o número de mulheres na lavoura. Longe ainda de significar isto uma emancipação, o trabalho começa a fornecer um pouco de liberdade para uma vida fora de casa em condições de igualdade. Sendo assim, a mulher fica na posição de auxiliar, numa sociedade dominada pelo homem.

Como ser paradoxal, singular e plural, as atitudes das mulheres são difíceis de ser explicadas, pois, se a instrução foi e é considerada essencial para a sua ascensão, podemos registrar fatos — fatos históricos que contrariam essa condição essencial. Apesar da falta de instrução, as mulheres podiam e podem participar da atividade política, como no passado o fizeram as pernambucanas D. Leonor Porto, que organizava reuniões pró-abolição, e D. Olegária Mariano, que auxiliava escravos a fugirem para o Ceará, onde já fora abolida a escravidão. Mulheres do lar, fazendo a História! Um grande exemplo e uma grande lição!

Quando Felisbela Águeda de Oliveira pediu subvenção a fim de estudar Medicina nos Estados Unidos, uma vez que não poderia fazê-lo no Brasil, Tobias Barreto veio em defesa das mulheres e da tese de que em vários países mulheres estudavam. Já havia mulheres diplomadas e até com grau de doutor em várias ciências. Corajoso, já em 1827 condena a velha tese da diferença do peso dos cérebros do homem e da mulher, dizendo não se pode inferir dessa diferença a capacidade intelectual do homem e da mulher.

A primeira brasileira a se tornar médica — Maria Augusta Generoso Estrela — diplomou-se nos Estados Unidos, em 1881, pois aqui não lhe foi permitido estudar. Rita Lobato Velho Lopes torna-se a primeira mulher brasileira a diplomar-se como doutora, pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1887. Myrtes Goes de Campos vem a ser a primeira bacharel em Direito, em 89, e Anita Dubergas, em 1920, diploma-se como engenheira, no Brasil.

Abordando a problemática da mulher casada à luz da legislação civil brasileira, constatamos que a mulher quase sempre manteve-se subordinada ao homem, ao pátrio poder, ao poder marital. O homem, sempre cabeça da família.

A sujeição da mulher na sociedade conjugal visava manter o patrimônio sob o controle de uma só pessoa — o homem — salvaguardando a mulher das relações com o sexo oposto para segurança da paternidade do marido e garantia da sucessão, por morte, à sua verdadeira prole.

Somente com o advento recente, em 1962, da Lei 4121, veio a mulher casada a conquistar igualdade em face do marido quanto ao exercício de direitos patrimoniais.

O Direito Penal é menos crítico em relação à mulher, dada a sua preocupação em estudar o fato em si — seja ele aborto, homicídio, infanticídio, sedução, como o fim de enquadrá-lo como delito, não se preocupando com o julgamento moral subjetivo.

Diferentemente da mulher, há, em relação ao adultério masculino, tratamento condescendente por parte da sociedade. Para eles é invocada a honra, dando-lhes direito de matar impunemente. Ruy Antunes ensina que a honra é direito subjetivo, eminentemente pessoal. À desonra de um cônjuge não corresponde necessariamente a desonra do outro. Talvez alguns invocassem Camus, falando de honra: "Preciso de honra, pois não sou suficientemente grande para viver sem ela". Mas isto não lhe dá o direito de matar. "Quem ama não mata!"

Por outro lado, acreditamos que problemas como o da mãe solteira, do aborto, da solidão, na verdade não são problemas ou temas exclusivos da mulher, mas da humanidade. Devem ser analisados à luz do amor, pois o ato de amar é a mais forte certeza do ser humano: é o seu "cogito" existencial irrefutável. Esta é a grande aventura da pessoa. Uma aventura constante, do nascimento à morte. O que é necessário é ser fiel a si, às suas idéias, aos seus pensamentos. A pessoa, enquanto ser ontológico, realiza-se, seja homem ou mulher, como personalidade irreductível, como afirma Julian Marías.

A mulher, ao tentar ser homem, masculiniza-se, ou seja, se despersonaliza. Perde a sua condição feminina. Anula-se. Ela precisa assumir-se, com suas limitações, para atingir a plenitude humana. Ela pode e deve ser feliz no lar. Essa tem sido a sua vocação maior: como mãe. Como sinônimo de vida. É dela o órgão máter — o útero. O homem a fecunda. Ela dá a vida. Esse seu "habitat" natural.

Mas que seja uma escolha, uma opção de vida. Uma fidelidade ao seu eu, que, como fêmea que é, duplica-se em outro ser, não esquecendo que a fidelidade a si é também um ato de criação. E que as mulheres que me ouvem, nenhuma delas precise repetir os versos de Cecília Meirelles — "Mulher ao Espelho":

“Hoje que seja esta ou aquela
pouco me importa
quero apenas parecer bela
pois, seja qual for, estou morta.
Já fui loura, já fui morena
já fui Margarida e Beatriz
já fui Maria e Madalena
só não pude ser como quis”.

Ser como quis tem sido difícil para a mulher. Como em tudo o mais na sociedade, em relação à mulher, à sua conduta ou ao julgamento que a sociedade dela faz, exige-se uma maneira de proceder, de agir de conformidade com padrões pré-estabelecidos. Aquelas que ousam romper essas normas fixadas sofrem penas mais duras que as da lei. Sofrem uma segregação branca muitas vezes capitaneada pelas próprias mulheres. Assim agiu-se em relação às mulheres desquitadas. Assim tem a sociedade estigmatizado as mulheres solteiras que fogem aos seus dogmas. Julga-se sem uma análise das razões de sua conduta, do seu agir, e, sem reflexão, colam-se a elas adjetivos pejorativos e classificações nada doces. Esquece a sociedade, ensina Nabuco, que “sobre cada verdade nova, assenta-se uma nova liberdade”. Até o Criador deu ao homem o livre arbítrio. À mulher tem-se negado o direito de errar.

Embora diferentes, há um traço comum entre as mulheres divorciadas/desquitadas e as solteiras. Há, para elas, a solidão que pesa mais que tudo. Há um vazio que não foi preenchido. Falta-lhes a complementação. Como o nosso regime estabeleça — precise ser ela conquistada — embora seja a mulher quem determina o jogo —, quantas mulheres maravilhosas, dignas, honradas, nobres, fenecem e sofrem a dor da não fecundação, amargando a unidade que lhes é imposta pelo destino ou pela circunstância? E ela queria ser dois, em um. A sociedade rouba-lhe os sonhos, faz morrer a ternura não espalhada, o afago contido como vida, o puro carinho, bem por demais precioso para ser desperdiçado. Quem resgatará da noite os sonhos acalentados por essas mulheres? Quem lhes regará as flores da esperança?

Que sejam todas como quiserem, mas que sejam felizes. Ou ao menos que busquem essa intangível estrela chamada felicidade.

Ser feliz é também um ato de amor. Uma escolha de vida, uma eleição. É difícil pensar assim e conceber um universo tão vasto diante do mundo atual, que realiza a forma mais baixa de visão do universo, que é aquela que Heidegger chamou o “mundo do MAN”, em que renunciamos a ser pessoas lúcidas e responsáveis, mundo da consciência sonolenta, dos instintos anônimos, das

opiniões vagas, dos respeitos humanos, do ócio, da competição, do isolamento, da insensibilidade, do medo. Como diz Emmanuel Mounier: "a pessoa pode viver como uma coisa, mas sua vida terá aspecto de uma demissão". Seja o "divertissement" de Pascal, o "estágio estético" de Kierkegaard, a "vida inautêntica" de Heidegger, a "alienação" de Marx ou a "má-fé existencial" de Sartre.

Tentando viver sem crenças, a mulher tem tentado viver de idéias. Mas, como escreveu Julian Marías, "vive-se mais de crenças que de idéias".

Muitas vezes, na rua, fora do lar, a mulher perde a sua integridade. Porque não era esta a sua escolha, a sua vocação. Atirou-se a um modismo. Agora, estando em todas as partes, a mulher não está em parte alguma.

Em relação ao sexo, por exemplo, a mulher tornou-o tão fácil, vulgar, que o seu sentido volatizou-se. Alterou-se a estrutura natural do relacionamento. Assim como uma película para filmes exposta ao sol perde seu uso, torna-se inútil, pois só pode estar na obscuridade até o momento de ser usada. Há o "jogo" e suas regras não podem ser alteradas. São as reservas, a discrição, o mistério. Essas pequenas leis não podem ser esquecidas.

Se a mulher ocupa função pública, ainda assim há que se resguardar. Manter seu recolhimento, sua condição de mulher, há que imprimir respeito.

Iguais — homem e mulher —, são diferentes, estruturalmente. Essas diferenças naturais entre homem e mulher são evidenciadas em termos de temperamento, caráter, modalidade de raciocínio, de forma, quanto ao estilo suave, sensível e cordato da mulher, contrapondo-se à maneira forte e agressiva do homem.

Inegavelmente, os movimentos feministas são responsáveis por muitas dessas transformações, pois não existe conquista social sem pressão. Pessoalmente tenho algumas ressalvas ao movimento. De início perdeu-se pelas avenidas dos exageros. Hoje, mais sensato, talvez pelas vitórias alcançadas, trilha um caminho mais moderado.

O que a mulher não pode esquecer é que não há rivalidade entre sexos. Há diferenças de opiniões, de cultura, de temperamentos, de idéias. É difícil aceitar verdades cristalinas. O nosso maior inimigo, diz Gabriel Marcel, é o que se figura "muito natural".

Seja à frente do fogão, nas bancas das universidades, nas salas de cirurgia, nos barracos do Recife, nos lares pobres ou ricos, a mulher tem que se sentir pessoa com significação especial, ocupando um espaço seu no universo.

No trabalho deve lembrar sempre a difícil tarefa de conciliar a assistência ao lar, aos filhos, ao marido, à casa, sem esquecer de si mesma. Não se trata de sobrepor ao trabalho profissional as tarefas do lar. Não se trata de ser a força *sui generis* de trabalho, dentro daquela certeza de que a mulher está em toda parte: olhem as crianças limpas, nas escolas, com as suas lancheiras; olhem os maridos elegantes, lavados, engomados; olhem embaixo das camas: quem tirou o pó? Olhem em cima das camas: mulheres vendendo seus corpos para que a dupla moral sexual e patriarcal possa subsistir.

Invoco Vinicius, mais uma vez, para falar no longo capítulo das mulheres prostitutas: "Tende piedade, Senhor, das mulheres chamadas vagabundas, que são desgraçadas, e são exploradas e vendem barato muito instante de esquecimento". Mulheres prostitutas — o "rebotinho" da humanidade. As pecadoras. Mas, quase sempre, os pecados da vida são ilusões perdidas. Renegadas, perseguidas, enganadas, no último desvão do abandono, fazem lembrar o pensamento de Nabuco: "As almas mais ricas e com mais vida são as que contêm mais destroços de coisas mortas. . ."

Olhemos ao redor, todas, mas olhemos dentro de nós também, porque a mulher só atingirá plenamente as suas metas onde inteira chegar. Ter confiança, orgulho e humildade porque todas as pessoas — homem e mulher — se equivalem na dignidade e as pessoas são, apesar de tudo, mais numerosas que as estrelas.

Tentar fazer com que nossos filhos tenham saudade da infância, respeitar os ofendidos, os humilhados, lutar pela ternura, tentar estender as conquistas e os direitos a todas as mulheres de todos os escalões, de todas as classes sociais, lutar para resguardar a dignidade da mulher, fazer-se respeitar. Não há retrocessos para nenhuma de nós. Não há parada também. Não estagnar sobre o que já se conseguiu. Seguir adiante. Identificar-se com as jovens. Entender as mais velhas, ser-lhes gratas. Reconhecer que, cada uma, por mais humilde que seja, pode fazer ou já fez alguma coisa. Lutar, enriquecer-se interiormente, viver. Desenvolver a criatividade. Pensar pela própria cabeça. Servir a causas generosas. Ter sonhos, que este é um direito inalienável. Tentar realizá-los. Viver a vida. É jamais, jamais perder a esperança!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro, Maia & Schmidt, 1933. XLIV + 517 p.

- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos; decadência do patriarcado rural no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936. 450 p. (Brasiliiana, v. 64)
- MORAES, Vinicius de. "Receita de Mulher". Em sua *Obra Poética*. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1968, p. 374-377.